



**CONEDU**  
Congresso Nacional de Educação  
18 a 20 de Setembro de 2014

## **“CAMINHOS DO SERTÃO”: O TEATRO E O ENSINO DE HISTÓRIA**

Juliana Karol de Oliveira Falcão<sup>1</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
julianakarol-16@hotmail.com

Auricélia Lopes Pereira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
auricelialpereira@yahoo.com.br  
Orientadora

### **INTRODUÇÃO**

Na época atual, após muitas discursões no campo do ensino/aprendizagem, temos os pressupostos de que no âmbito escolar, diversas devem ser as ferramentas que regem o ato de educar. Inclusive, durante as formações profissionais dos docentes é frisado que eles devem adicionar, em seu cotidiano escolar, todas as ferramentas possíveis referentes à construção de saber, tendo em vista, que não são mais aceitos os professores reprodutores de informações e que não possuem criticidade em suas colocações.

Nesse contexto, o PIBID de história se apropriou do teatro como mecanismo de produção de saber, visto que, ele é uma ferramenta que possibilita um diálogo mais amplo, onde música, arte, literatura, geografia, entre outros saberes, podem ser dialogados, desta forma, construindo o que se denomina um conhecimento interdisciplinar.

Por isso, o texto teatral baseado em acontecimentos históricos é um objeto que possui um leque infinito de rendimentos, pois é formado de pressupostos políticos, econômicos, sociais, afetivos e de subjetividades. Concomitantemente, nos seus discursos ele carrega toda uma carga histórica, pois traz temas consagrados pela sociedade, podendo, torna-se um palco de representações sociais. Sabendo que essas pretensões sociais, que são iluminadas pelos discursos teatrais, não são de maneira alguma neutras, mas sim são formadas por estratégias e práticas que tendem a justificar uma conduta social (CHARTIER, 1990).

Assim ao estudar os discursos que serão utilizados nas peças, o docente procura investigar aqueles que condizem com a crítica que querem provocar, tanto nos expectadores, como naqueles que serão interpretes dos personagens. Sabendo

<sup>1</sup> Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES. Sob a orientação da profa. Dra Auricélia Lopes Pereira.



que os signos impostos ao passado não passam de meros efeitos de verdades, ou seja, verossimilhanças do acontecido, nem verdadeiras nem falsas, mas registros de impressões do mundo (PASAVENTO, 2007). Por conseguinte, tendo como pressuposto que ao olhar para o passado e o presente, somos auxiliados em uma construção do futuro, pois "para a maioria, tornou-se necessária à limitação a um único ou a poucos campos do saber; porém, quanto menos alguém sabe do passado e do presente, tanto mais inseguro será o seu juízo sobre o futuro" (FREUD, 2011, 35 p). A partir do momento que investigamos o passado, levamos o indivíduo a também questionar o presente, a se tornar um ser reflexivo diante das informações repassadas a eles durante seu anônimo, os direcionando a pensar o lugar social no qual estão inseridos.

A produção desse tipo de reflexão é proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais, quando eles relatam que o ensino de História tem um papel bastante relevante na formação da cidadania de todos os indivíduos, devendo os envolver em reflexões sobre a sua atuação individual e coletiva diante da sociedade (BRASIL, 1997).

Portanto, as representações teatrais objetivam causar inquietações e nunca uma conclusão sobre determinado tema, visto que, "trata-se [...] desse movimento de afirmação e de negação que é o próprio movimento da vida, e que só a morte faz parar dentro de nós" (TOUCHARD, 1970, 143).

Desse modo, nosso artigo objetiva discorrer sobre a experiência do PIBID de História, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Álvaro Gaudêncio, situada na cidade de Campina Grande – PB, com a utilização do teatro como aparelho didático pedagógico na turma do 3º ano D do Ensino Médio, durante o turno da noite e de como reconstruímos representações sociais acerca da seca no Nordeste e do modo de viver do sertanejo, assim como demos luz as suas práticas de burlas para sobreviver em um ambiente de difícil condição física, social e psicológica, na peça teatral realizada na sala de aula. A peça obteve como título "Caminho do sertão" e foi composta por todos os alunos que faziam parte da turma citada.

## **METODOLOGIA**

---



O roteiro da peça teatral foi construído por nós bolsistas, pois queríamos um texto que fosse inédito e que dialogasse com os conteúdos que foram vistos pelos alunos em sala de aula. Desse modo, o nosso trabalho foi pautado em duas obras literárias do século XX. A primeira é intitulada de *A Bagaceira* pertencente ao paraibano José Américo de Almeida, a mesma é um romance que retrata a seca e todas as mazelas que caminham com ela, como o êxodo e a dominação do mais forte sob o mais fraco, ou seja, esta obra é uma crítica ao estado social do indivíduo. E *O Quinze* da cearense Rachel de Queiroz, que se trata de uma ficção regionalista, embasada nas características da região nordestina, no coronelismo, na seca, na fome, e nos atos de procissões com o objetivo de pedir chuvas.

Partindo dos signos colocados por esses dois autores nordestinos, construímos a peça “Caminhos do Sertão” que iria retratar a partida, de dois amigos, de uma pequena casa, localizada em um sítio, por não haver água e nem comida suficiente para sobreviver. Em meio a sua jornada, em busca de um futuro melhor, eles se deparam com uma cidade que possui um açude, entretantes, este tinha a sua finalidade de uso determinada pelo coronel da cidade. Logo, neste enredo, temos um romance entre a filha do coronel e o rapaz que vinha fugindo do sofrimento da seca, eles lutam junto com a população em uma jornada que objetivava a liberação equilibrada da água para a população que reside na pequena cidade.

Outrossim, a nossa história não possui nos personagens o clichê de o pobre é bom e o rico é mal, mas sim, em meio às camadas mais desfavorecidas, encontramos as pessoas que atrapalhavam os planos para a conquista do direito à água e em meio às classes mais favorecidas encontramos pessoas que queriam ajudar a concretizar as perspectivas de direitos levantadas pelos mais pobres.

Após a construção do roteiro, o mesmo foi distribuído para toda a turma para que começassem a ler e apreender as falas. Eles ensaiaram sozinhos em suas respectivas casas e em grupo na escola. Todavia, decidimos fazer um ensaio com a intermediação do PIBID, este foi realizado na Universidade Estadual da Paraíba, onde todos os alunos participantes da peça estiveram presentes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---



Deste modo, podemos perceber uma notável participação e interesse ativo do alunado, tanto ao que se refere à formação da apresentação em si, quanto na organização dos elementos do cenário, que foram planejados e colocados com impecabilidade. Todos colaboraram e ofertaram elementos que adquiriram por vias domésticas ou empréstimos de amigos e vizinhos.

Logicamente, como a maioria dos trabalhos escolares, percebemos que existiram alguns alunos que se empenharam mais que os outros. Todavia, notamos também que, os que foram conquistados pela atividade e se devotaram a realizá-la passaram a enxergar com novo olhar a aula de história. E os que não gostaram de interpretar se encontraram em outras atividades como, por exemplo, exposições fotográficas.

Encontramos algumas dificuldades referentes à inibição de poucos alunos e a falta de compromisso de duas alunas que levaram seus papéis de forma leviana, chegando abundantemente retardatárias no dia da apresentação, sem trazer nem mesmo os figurinos de suas personagens que foram providenciados no momento em que a produção já deveria estar em andamento.

De fato, apesar dos infortúnios, afirmamos que a peça teatral é um otimista mecanismo didático para ser exercido em salas de aula onde a maioria da turma possui uma vasta energia, isto é, são dinâmicos, inquietos, importunos, entre outros sinônimos, pois, na peça eles podem extravasar toda essa energia de uma maneira mais saudável e com uma maior utilidade.

### **CONCLUSÃO**

De acordo com as discussões abordadas, conseguimos perceber que é obrigação de todo docente ampliar os cenários nos quais a prática educativa esta propagando o seu papel de aprendizagem, principalmente, ao que se refere às aulas da disciplina de História que são cotidianamente interpretadas pelos alunos como monótonas, onde a única prática realizada ao aprender é a de decorar nomes e datas.

Incorporar outras linguagens ao ensino é uma prática desafiadora que consiste em uma boa preparação, entretantes, ela é bastante satisfatória, pois traz alegria, descontrações e descobertas inimagináveis.

---



Deste modo, no teatro descobrimos que a realização do trabalho em equipe pode destruir as inimizades que se propagam na sala de aula e construir novas linhas de afetividades, sem falar que propicia o aprofundamento dos estudos em casa, tendo em vista que é preciso um melhor embasamento para a formação do personagem, melhora a oralidade e o gosto pela arte, isto posto, podemos deduzir que a história ganha sabor, magia, odor, seduz e induz o aluno a crescer. Em suma, trabalhar com o teatro e outras artes pode ser a mão que resgata o aluno do poço de desinteresse no qual se encontram muitos discentes da nossa realidade escolar na contemporaneidade.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

BRASIL.Ministério da Educação (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais: História** (ensino fundamental – 1ª a 4ª séries) Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHARTIER, R.**A História Cultural: entre praticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/B. Brasil S/A, 1990, 16 – 17 p.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma ilusão**. (Trad. Renato Zwick). Porto Alegre: L&PM, 2011.

QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. 33º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy e LANGE, Frédérique (org.). **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

TOUCHARD, Piérre-Aimé. **O teatro e a angústia dos homens**. (Trad. Pedro Paulo Sena Madureira e Bruno Palma). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

---